

A FOME, A CORRUPÇÃO E OS LUXOS...

19-Jun-2009

Cavaquisses, Sã³cratisses e Samoradas Portugal precisa de jactos executivos para transporte de governantes???

Pronto! Finalmente descobrimos aquilo de que Portugal realmente precisa: uma nova frota de jactos executivos para transporte de governantes. Afinal, o que Ā© preciso nĀŁo sĀŁo os 150 mil empregos que JosĀ© SĀ³crates anda a tentar esgravatar nos desertos em que Portugal se vai transformando.

Texto de Mario Crespo

-

NĀŁo-pouco precisamos de leis claras que impeĀŁam que propriedade pĀ³blica transite directamente para o sector privado sem passar pela Partida no soturno jogo do MonopĀ³lio de pedintes e espoliadores em que Portugal se tornou.

-

NĀŁo precisamos de nada disso. Precisamos, diz-nos o Presidente da RepĀ³blica, de trocar de jactos porque aviĀŁes executivos "assim" como aqueles que temos jĀĵ nĀŁo hĀĵ "nem na Europa nem em Āfrica".

-

Cavaco Silva percebe, e obviamente gosta, de aviĀŁes executivos. Foi ele, quando chefiava o seu segundo governo, quem comprou com fundos comunitĀĵrios a actual frota de Falcon em que os nossos governantes se deslocam. Voei uma vez num jacto executivo.

-

Em 1984 andei num aviĀŁo presidencial em MoĀŁambique. Samora Machel, em cuja capital se morria Ā fome, tinha, tambĀŁm, uma paixĀŁo por jactos privados que acabaria por lhe ser fatal. Quando morreu a bordo de um deles tinha trĀ³s na sua frota.

-

Um quadrimotor Ilyushin 62 de longo curso, versĀŁo presidencial, o malgrado Antonov-6, e um lindĀŁssimo bimotor a jacto British Aerospace 800B, novinho em folha. Tive a sorte de ter sido nesse que voei com o entĀŁo Ministro dos Estrangeiros Jaime Gama numa viagem entre Maputo e Cabora Bassa. Era uma aeronave fantĀĵstica. Um terĀŁo da cabina era uma magnĀŁfica casa de banho. O resto era de um requinte de decoraĀŁo notĀĵvel. Por exemplo, havia um pequeno armĀĵrio onde se metia um assistente de bordo magro, muito esguio que, num prodĀŁgio de contorcionismo, fez surgir durante o voo minĀŁsculos banquetes de tapas variadĀŁssimas, com sandes de beluga e rolinhos de salmĀŁo fumado que deglutimos entre golinhos de Clicquot Ponsardin.

-

Depois de nos mimar, como por magia, desaparecia no seu armĀĵrio. Na altura fiz uma reportagem em que descrevi aquele luxo como "obsceno".

Fiz nesse trabalho a comparaĀŁo com Portugal, que estava numa craveira de desenvolvimento totalmente diferente da de MoĀŁambique, e nĀŁo tinha jactos executivos do Estado para servir governantes. Nesta fase metade dos rendimentos dos portugueses estĀĵ a ser retida por impostos.

-

Encerram-se maternidades, escolas e serviços de urgência. O Presidente da República inaugura unidades de saúde privadas de luxo e aproveita para reiterar um insuspeitado direito de todos os portugueses a um sistema público de saúde. Numa altura destas, comprar jactos executivos é tão obscuro como o foi nos dias de Samora Machel.

-

Este irrealismo brutalizado com que os nossos governantes eleitos afrontam a carência em que vivemos ultraja quem no seu quotidiano comuta num transporte público apinhado, pela Segunda Circular ou Camarate, para lhe ver passar por cima um jacto executivo com governantes cujo dia a dia decorre a quilómetros das suas dificuldades, entre tapas de caviar e rolinhos de salmão.

-

Claro que há alternativas que vão desde fretar aviões das companhias nacionais até, pura e simplesmente, cingirem-se aos voos regulares. Há governantes de países em muito melhores condições que o fazem por uma questão de pudor que a classe que dirige Portugal parece não ter.

-

Vi o majestático François Mitterrand ir sempre a Washington na Air France. Não é uma questão de soberania ter o melhor jacto executivo do mundo. É só falta de bom senso. E não venham com a história que é mesquinhez falar disto. É de um pato-bravismo intolerável exigir aos países mais sacrifícios para que os nossos governantes andem de jacto executivo.

-

Não se granjeiamos muito mais respeito internacional chegando a cimeiras em voos de carreira do que a bordo de um qualquer produto tecnológico caríssimo para o qual todo o mundo sabe que não temos dinheiro.

Â

JN

Â

Mário Crespo. Jornalista.